

Ditadura, memória e a participação das mulheres brasileiras e chilenas

Suely da Fonseca Quintana¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da representação da mulher no exílio, durante o período da ditadura militar no Brasil e no Chile, presentes no romance **Tropical sol da liberdade**, de Ana Maria Machado e nas memórias de Amanda Puz, **Última vez que me exílio**. As autoras se debruçam sobre o tema da condição do exilado, presentes nas relações de trabalho no exterior, nos dramas familiares e na construção da intertextualidade entre a História oficial e a História do cotidiano brasileiro e chileno, numa perspectiva histórico-sociológica e da discussão de gênero (gender). A abordagem para esse estudo tem uma conotação histórica, antropológica e social, tendo em vista as questões teóricas relacionadas à memória individual e coletiva, à militância política na América Latina, considerando também o aporte teórico dos estudos culturais. O trabalho se realiza por uma análise comparativa dos procedimentos discursivos das autoras. Alguns resultados parciais da pesquisa apontam para uma identificação entre as autoras no que concerne ao papel social da mulher e ao confronto entre latinos e outros povos, quando se trata de disputar o mercado de trabalho, estabelecer relações de confiança e amizade. Outro ponto desse estudo revela a dificuldade de relacionamento também com os compatriotas exilados, no que se refere à moradia, aos aspectos financeiros e às diferenças político-partidárias que perduram no exílio.

Palavras-chave: Gênero. Memória. Exílio. Ditadura.

INTRODUÇÃO

De acordo com Heraldo Muñoz (2010), o Congresso Nacional chileno foi fechado imediatamente após o golpe, as eleições foram suspensas e os “registros eleitorais destruídos”. Professores, estudantes, jornalistas foram presos, torturados ou destituídos de seus cargos e empregos.

Enquanto bombardeavam o palácio do governo, La Moneda, as prisões aconteciam rapidamente nas ruas, nos postos de trabalho, nas escolas, os prisioneiros foram levados para vários pontos da cidade e as torturas e mortes têm início no mesmo dia. O Estádio Nacional ficará conhecido como uma grande prisão

¹ Doutora em Literatura Comparada. Professora Associada na Universidade Federal de São João del-Rei. MG. squintana@ufsj.edu.br Eixo 6- Escrita de si, resistência e empoderamento.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



durante vários dias, até que os sobreviventes sejam transferidos para outras prisões, criadas para continuar os interrogatórios. Todos os grupos políticos ligados a Allende são perseguidos.

Os escritores foram particularmente perseguidos, tendo suas obras censuradas, mesmo que o conteúdo não tratasse de política. Um título que pudesse aludir ao golpe terminava com a prisão do autor e proibição de publicar o livro ou mesmo recolher das livrarias os já publicados. Nas buscas realizadas pela DINA, na casa dos intelectuais, havia interesse em livros raros que eram confiscados e depois vendidos na Europa, os demais livros eram queimados e algum outro objeto de valor era roubado. Também cerca de mil filmes tiveram a exibição proibida no país.

O autoritarismo chegava à beira do ridículo, pois a censura proibira a notícia sobre uma disputa de xadrez, pois os competidores eram russos e o governo ditatorial de Pinochet não mantinha relações diplomáticas com a União Soviética. Os desmandos se sucedem na caça aos opositores.

Pinochet elimina o Conselho de Avaliação do Exército em 1973, tomando para si esse encargo, o que significava controle absoluto do exército, incluindo o mais alto escalão. Dessa forma centralizadora, comanda a DINA (Dirección de Inteligencia Nacional), responsável pela prisão e tortura de todos que fossem contra o golpe. Quando interpelado sobre a transparência dos atos do governo que suprimira a hierarquia militar, de tal forma que ninguém sabia mais a quem prestar contas de suas ações e nem quem eram os responsáveis pelos atos da DINA, Pinochet responde: “Eu sou a DINA, cavalheiros” (MUÑOZ, 2010, p.81). Portanto, todas as violações dos direitos humanos e civis estavam respaldadas pelo dirigente máximo do governo.

Todos os seus opositores das forças armadas tiveram mortes suspeitas. O símbolo mais presente dessas perseguições foi o assassinato do general Prats, que morreu em decorrência de um atentado com explosivos colocados em seu carro. Esse atentado foi atribuído à esquerda pelo governo da ditadura. Entretanto, depois fica esclarecido, que Michael Townley, agente da DINA, foi o responsável. O caso foi marcante, pois o general Prats era amigo pessoal de Pinochet e o indicara para o



cargo da guarnição do Exército em Santiago. Prats não concorda com as atitudes de Pinochet e se opõem ao golpe. Eliminá-lo foi a maneira de calar um forte opositor.

Muñoz (2010), ao tratar do que denominou “O alcance global de Pinochet”, ressalta as articulações das ditaduras latino-americanas no combate à esquerda:

No final de novembro de 1975, Pinochet convidou os chefes dos serviços de informação de Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Bolívia para irem ao Chile a fim de traçarem um plano novo e ambicioso: trabalharem juntos em operações transnacionais destinadas a eliminar seus inimigos. O plano foi chamado de Operação Condor, em homenagem ao pássaro nacional chileno. (p. 119)

Essa operação veio formalizar o que já existia na prática, pelo menos com relação ao Brasil. Logo após o golpe militar chileno, membros do DOPS, especializados em tortura, atuaram junto a DINA para ensinar as técnicas usadas no Brasil, principalmente: choques elétricos, afogamentos em barris repletos de excrementos, o pau-de-arara. Também os países com regimes ditatoriais, na América latina enviavam seu pessoal para treinamento no Brasil. Inclusive há denúncias de que aprendiam as técnicas de forma prática, assistindo e ajudando nas torturas realizadas pela polícia política no Brasil, seguidas de explicações e repetições para que fizessem as técnicas com perfeição.

Muñoz (2010) explicita esses acontecimentos, no seguinte trecho:

Muitas vezes oficiais brasileiros foram vistos no centro de detenção do Estádio nacional, aconselhando suas contrapartes chilenas sobre técnicas de tortura e interrogando seus compatriotas. Em 16 de outubro de 1973, um grupo de presos brasileiros que estavam no Estádio nacional de Santiago reconheceu entre os policiais um compatriota, Alfredo Poech, rematado torturador. (p.117)

As histórias do Chile e do Brasil se entrelaçam de maneira semelhante. Após o golpe militar de 1964, no Brasil, muitos brasileiros seguem para o Chile, país escolhido por muitos para o exílio. Também em 1968, com o AI 5, nova leva de exilados acorrem ao país vizinho. Durante o governo de Allende, os exilados viam crescer suas esperanças de um governo de esquerda eleito de forma democrática e concretizando seus desejos de um governo mais justo para toda a população. Os movimentos de esquerda latinoamericana se voltavam para as lutas dos camponeses, dos trabalhadores da indústria e reivindicavam a reforma agrária, que traria melhorias para o homem da terra. Para isso tinham como princípio básico a

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



educação para todos, construção de creches e escolas, nas quais as crianças receberiam cuidados e conhecimento, além da alfabetização dos adultos para que tivessem acesso aos direitos de cidadão.

O Golpe militar no Brasil, em 1º de abril de 1964, assim como no Chile, teve apoio financeiro e tático dos Estados Unidos. A possibilidade da instauração de regimes socialistas na América latina preocupava o governo norte-americano, principalmente depois da Revolução cubana em plena Guerra Fria.

De acordo com dados recolhidos na publicação **Brasil nunca** mais, a evasão de divisas que desequilibrava a economia brasileira se agrava com a suspensão norte-americana de qualquer auxílio financeiro ou comercial ao Brasil, exceto “a ajuda fornecida diretamente a governadores adversários de Goulart, especialmente Carlos Lacerda, no Rio de Janeiro, Adhemar de Barros, em São Paulo e Magalhães Pinto, em Minas Gerais” (1985, p.58).

A economia brasileira, desde o início da República, influenciava na escolha dos presidentes, tendo como exemplo a política do café com leite. Essa ajuda americana está focada nos adversários de João Goulart, que pertencem a regiões economicamente fortes no Brasil. Minas Gerais foi o estado que deu início ao golpe militar que derrubou o governo democrático.

A consolidação da ditadura se fará pelos Atos Institucionais, que, aos poucos, foram suprimindo os direitos civis. Já no governo do general Castelo Branco, foi criado o SNI (Serviço Nacional de Informação) que junto à Comissão Geral de Investigação (CGI) atuavam na prisão e tortura dos opositores ao golpe, de forma obscura, com poderes cada vez maiores. Esses órgãos são os similares do DNA chileno, no Brasil.

Com o AI 2 de outubro de 1965, foi decretado o fim dos partidos políticos e a permissão para o Executivo fechar o Congresso Nacional, quando achasse necessário; além de ampliar o alcance da Justiça Militar para ser aplicada aos civis, decreta também as eleições indiretas para a Presidência da República. Os presidentes, escolhidos entre os generais das forças armadas, terão seu nome referendado pelo Colégio Eleitoral. Essa forma de escolha se estende até a eleição indireta de Tancredo Neves, que morre sem tomar posse em 1985.



Quando é instaurado o AI 5 em 13 de dezembro de 1968, ocorre a ampliação dos poderes adquiridos em outros Atos Institucionais, como o fim do prazo para o término das cassações (que antes era de 10 anos), da reabertura do Congresso, tornando mais severas as punições “previstas na Lei de Segurança Nacional (Decreto- lei nº 898)” (1985, p.63).

O processo de redemocratização começa a se delinear com a eleição indireta do último presidente militar, com o término das cassações ocorridas em 1964, já passados 10 anos, com a deterioração do “milagre econômico” construído de forma ilusória pelos governos militares, principalmente no governo Médici, além da derrota sofrida nas urnas em 1978. Nessas eleições, para o Senado, o MDB (partido de oposição consentida) obtém 18,5 milhões de votos, contra 13,6 da ARENA, partido da situação.

Mesmo assim, ainda continuarão, até meados dos anos 1980, as prisões, perseguições e execuções de líderes operários, mostrando o limite dessa “abertura”. No Chile Pinochet começa a governar com uma Junta Militar, mas logo se declara “chefe da nação” e segue governado sozinho e com mão de ferro. Em 5 de outubro de 1988 faz um Plebiscito para confirmar o direito de permanecer no posto, mas perde o Plebiscito e é obrigado a realizar eleições livres no país. A perseguição também se estende por mais tempo, ainda mais porque Pinochet não se afasta do governo, se mantendo no cargo de Senador vitalício.

1- Análise do *corpus*

Em **Tropical sol da liberdade**, a narrativa é desenvolvida pela personagem Helena Maria, Lena, envolvida nos acontecimentos da luta armada e dos seqüestros de embaixadores, ocorridos depois do AI5, decretado em 1968. Devido ao fato de seu irmão ter participado ativamente do seqüestro do embaixador americano, ela e sua família são perseguidas e vigiadas. Lena foi presa, interrogada e libertada para servir de pista aos policiais que procuravam seu irmão. Ela resolve se exilar juntamente com o marido, temendo uma nova prisão.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A trajetória do exílio da personagem segue a de pessoas da vida real, que deixaram o país devido a relações familiares ou de amizade com pessoas envolvidas diretamente nas revoltas contra o regime ditatorial. Para essas pessoas o exílio teve uma conotação diferente, pois foi resultado de um profundo medo, pois não havia acusação formal contra elas, mas eram perseguidas. Esses exilados carregavam o medo e a culpa. A culpa se fazia presente pelo sentimento de haver desistido da resistência para salvar a própria pele. Ao invés de exilados políticos eram considerados desertores pela esquerda ortodoxa.

O início do exílio da personagem Lena está localizado em março de 1970, ou seja, uma fase do exílio marcada pela geração de 68 e as transformações das lutas do começo da ditadura em 64. A geração de 68 carrega o peso e o desencanto do golpe dentro do golpe, ocasionado pelo decreto do AI5, que acirrou a repressão.

Os acontecimentos narrados mesclam ficção e realidade histórica. Muitas das ações atribuídas às personagens conhecidas de Lena aconteceram com exilados reais, tais como: doenças depressivas, suicídios, as dificuldades para se estabelecerem na França, o trabalho precário, a fragilidade psicológica diante do Outro, a necessidade de formarem verdadeiros guetos de refugiados para atenuar as crises de adaptação.

Ao mesmo tempo em que a França é o espaço da liberdade, configura-se também como o espaço da prisão. É nesse espaço estrangeiro, que se cumpre a “pena” pelo delito da contestação ao sistema ditatorial brasileiro. Nesse momento, a América Latina sofre outro golpe no processo democrático com a derrubada de Allende no Chile, acrescida de sua morte. Uma nova onda de exilados vem acrescentar o medo e a angústia aos brasileiros que viam o Chile como aliado na luta contra o regime brasileiro. Na França essas pessoas buscam reconstruir um pouco de seus países para conservarem suas poucas raízes culturais. São criadas livrarias com obras latino-americanas, associações de brasileiros, escolas de artes e cultura, principalmente para as crianças não se esquecerem de que eram brasileiras.

Amanda Puz, em **Última vez que me exílio**, também escolhe a França como país do exílio. Os primeiros meses são os mais difíceis, pois vive em casas compartilhadas com outros exilados, precisa vencer a barreira da língua, procurar

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



trabalho e adaptar-se com as três filhas que vivem com ela, após o divórcio. Sua militância continua na França, trabalha para angariar fundos que serão enviados ao Chile para ajuda aos grupos de resistência à ditadura de Pinochet. Aos poucos a distância faz com que reveja algumas posições políticas e observe os compatriotas no exílio como pessoas boas e ruins como qualquer outra. não reconhece qualidades especiais nos colegas de infortúnio pelo simples fato de estarem exilados. Conhece melhor o caráter de cada um, aguça sua capacidade crítica.

As amigas da revista *Paula*, que ajudara a fundar, se mantêm presentes como antes, mulheres que se auxiliam para vencer os obstáculos. Muitas vezes receberam reportagens de Amanda para serem publicadas e assim render-lhe algum dinheiro.

Os verdadeiros amigos se revelam com mais intensidade nas cartas que recebe. Um capítulo das memórias de Amanda Puz trata da conversa entre ausentes, ou seja, as cartas, e destaca algo curioso que aconteceu com sua família:

Quando fui de férias para um lugarejo ao sul da Espanha, com minha mãe, minhas três filhas, dois amigos delas e meu sobrinho Sebastián, no dia em que tomamos o ônibus para regressar à França, todo o pessoal dos Correios se reuniu na porta para se despedir, com curiosidade, dos membros de uma família tão especial que enviava avalanches de cartas. (PUZ, 2006, p.83)

A mãe de Amanda será muito presente durante o exílio, o governo francês permitia a residência de um parente para exilados com pelo menos um filho menos de 14 anos. Sobre ela, Amanda escreve:

Junto a um número incontável de mães chilenas, Llalita integra essa galeria de personagens inefáveis que deixaram lembranças inesquecíveis no exílio. As mães vinham para ficar ou para dividir os momentos mais importantes da vida de seus filhos exilados, como o nascimento de um neto, um casamento, uma enfermidade. (PUZ, 2006, p.174)

A figura materna, em **Tropical sol da liberdade**, organiza a narrativa do romance numa perspectiva do olhar feminino a respeito da ditadura e da diáspora. Lena e sua mãe, Amália, alternam e entrecruzam os relatos, revelando várias facetas complementares da participação das mulheres nesse período de repressão. Duas gerações de mulheres sofrendo e lutando de acordo com as armas de que dispõem.



A mãe de Lena, acompanhando os problemas dos filhos, participa cuidando do bem estar da família, para que a casa sirva de refúgio e os cuidados com a comida e a roupa sirvam de alento. Ela vai um pouco mais além, ao vencer o medo e se organizar junto com as amigas para participar de uma passeata de protesto contra a prisão de estudantes. É certo que o motivo é mais maternal e de cuidado que convicção política. Juntamente com outras mulheres, Amália faz artesanato para vender e angariar fundos para auxiliar os perseguidos e suas famílias, além de defender idéias contra a ditadura através de conversa com pessoas nas filas de banco e supermercado.

Amanda Puz faz um comentário sobre a atuação das mães quando repete o que dizia o irmão sobre a própria mãe: “foi uma militante da felicidade.” (2010, p.175). Histórias de mulheres que tanto no romance de caráter ficcional quanto no livro de memórias reafirmam as várias formas de militância.

Assim como Amanda Puz, a personagem Lena, do romance de Ana Maria Machado, era jornalista, buscava através de seu trabalho com a palavra organizar o caos que se instalara em suas vidas. No exílio também viverá da escrita. Quando retorna ao Brasil, busca escrever uma peça de teatro, para resgatar a história de sofrimento dos exilados políticos. O teatro possibilitaria as várias versões do exílio, muitos personagens e muitas vozes experimentado o relato da construção das dores e da memória. A narradora salienta que deseja escrever essa história a partir da vivência das mulheres, pois de acordo com seu pensamento a luta para elas foi mais difícil. Havia que lutar contra o exílio e a discriminação com respeito ao seu estatuto feminino. Muitas dessas exiladas o foram porque eram mulheres, namoradas, amigas e irmãos dos perseguidos pelo regime. O caso de Lena mesmo foi assim

Entretanto, a mesma palavra que seria libertadora passa a atuar como seu torturador. Uma estranha doença que provoca tontura e queda, também acarreta a perda da capacidade de articular pensamento e escrita, o que se agrava com a medicação. Ela pensa uma determinada coisa, escreve, mas a escrita se revela incompreensível. Essa desarticulação entre a ordem cerebral e a execução da tarefa leva a personagem ao desespero. Está prisioneira de si mesma pensa que isso é o começo da loucura. Palavra e mulher, silêncio e exílio são os caminhos percorridos



pela personagem. A escrita seria a forma de construir o dentro e o fora que a mulher carrega: o dentro do exílio e o fora marcado pelos descaminhos de sua condição.

Esse conflito e essa “doença” da expressão se delineiam ainda no exílio, após Lena perder o filho que gestava. A gestação interrompida é a metáfora da expressão interrompida, da fala cassada, da extirpação da terra natal. Terra, mãe, pátria, língua uma conjuntura esfacelada pelo exílio, levando ao desequilíbrio da personagem. É Amália, a mãe de Lena quem melhor sintetiza essa ligação íntima entre mulher-maternidade- pátria- linguagem:

Tudo vinha de dentro. Como os filhos de seu útero. Maldição ou benção sabe-se lá o quê. Mais matéria do que pátria, afinal tudo parindo e sendo parido das mesmas entranhas. Como se o Brasil fosse ao mesmo tempo filho e mãe dela, mulher brotada das pernas abertas da história, e por sua vez concebendo o futuro país dentro do ventre. Seqüência fêmea e fértil, de dor, sangue e luta. (MACHADO, 1988, p. 140)

Reconstruir a vida profissional é uma dificuldade extra para as mulheres, devido aos horários ruins, os baixos salários e o cuidado com os filhos e a casa. Em suas memórias, Amanda descreve as dificuldades vividas até que finalmente consegue dar aulas na Universidade, onde permanecerá até sua aposentadoria. Esse trabalho e a integração das filhas na sociedade francesa serão motivos para não regressar ao Chile, no período da redemocratização. A universidade continuara sendo o espaço de contestação, como relata Amanda:

Aos meus cursos vieram padres operários mexicanos, defensores da teologia da libertação, ex-guerrilheiros uruguaios, indigenistas guatemaltecos, sindicalistas chilenos, cantores, escritores e jornalistas latino-americanos. Mais de uma vez veio o escritor e jornalista chileno Eduardo (o Guayo) Labarca para falar de nosso continente. (PUZ, 2006, p.129)

Também retoma, paralelamente, seu trabalho como jornalista, juntando-se a colegas chilenos, exilados, cuja convivência nem sempre é agradável devido aos egos exaltados. Porém, o reencontro com Gladys Díaz, colega do curso de jornalismo no Chile, traz um alento para Amanda, por reconhecer que a sinceridade e a honestidade ainda se fazem presentes nas relações de amizade. Aos poucos

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Amanda precisa refletir sobre sua condição de chilena, mas que ao mesmo tempo decide viver na França: espaço ambíguo – sentir e não sentir o pertencimento.

Para a personagem de **Tropical sol da liberdade**, os espaços onde transcorrem as várias etapas da narrativa são importantes para que Lena recupere sua ligação com a terra-mãe, se recupere da amputação da fala pelo exílio. É na França onde se percebe mais desenraizada, mas é no espaço de sua própria casa, já de volta ao Brasil, onde sofre uma das muitas quedas provocadas pela doença. É um se acidentando por dentro e por fora.

A fratura emocional do exílio se concretiza na fratura do dedo, que a imobiliza. Primeiro a imobilidade de expressão escrita, depois a imobilidade do corpo. O espaço do corpo se fragmentando e se fechando: para a maternidade, para a linguagem. Dar à luz no exílio seria uma forma de liberdade, criar laços no espaço estrangeiro, mas o não nascimento metaforiza ainda o não germinar em espaço alheio, fora da terra - Brasil.

É no espaço da casa de praia da família, que Lena tenta, junto da mãe, se reorganizar. O contato com o lugar da infância, com a casa que vira ser construída desde os alicerces, com as árvores que plantara em pequenas mudas, quando criança, é que darão à mulher adulta, ex-exilada, fraturada, as condições para lançar as bases da nova Lena.

Recuperar a capacidade de escrever corretamente aquilo que seu cérebro organiza é o fundamento para as memórias fluírem do inconsciente e deixarem de ser aterrorizantes. É no espaço do papel e do palco que a narradora busca re-apresentar os fatos, ordenar as memórias, resgatar os fantasmas do medo e da dor. O trabalho de escritos estabelece uma relação metalingüística no romance que redimensiona o papel do intelectual no regate da recente história da repressão no Brasil. De forma mais profunda, sua nova condição de mulher intelectual se amplia, as memórias de sua mãe são importantes na composição do passado, a ausência de segredos entre elas cria a cumplicidade feminina que falta a Lena. O seu exílio na França foi marcado pela falta de solidariedade das mulheres, principalmente quando estava grávida.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Conclusão

Depois de muitas reflexões, recordações do passado, do exílio, dos amores, das relações com a mãe e com outras mulheres exiladas, Lena esboça um movimento de recomposição de sua vida, de sua fala. Decide não tomar o medicamento que a deixa sem cair, mas que agrava o problema de articulação da escrita. Opta por escrever, porque precisa dar expressão ao passado seu e de outras tantas “lenas”. O remédio era o equilíbrio sem expressão, ela se decide pelo desequilíbrio, aqui tomado em sentido amplo. O deixar-se levar pelo vai e vem da vida, aceitar seu próprio desafio de viver, o que significava falar de si, da sua condição feminina, das dificuldades com a mãe, a própria impossibilidade de ser mãe, de dar à luz o filho de seu corpo e o filho de seu cérebro, a palavra. Reunir no resgate da memória os sofrimentos da diáspora, ampliando os espaços da mulher Helena Maria.

Mãe e filha se reencontram pela fala, pelo relato dos vários aspectos do passado comum, a fala se rearticula. Lena se recorda de sua infância, de como o avô a ensinou a desvendar os mistérios da mata, durante uma caminhada, na qual ela se mostrou superior aos primos homens. Desde criança sentia-se uma mulher diferente, cujo espaço não se restringia ao ambiente e afazeres domésticos reservados às mulheres. Dá, porém, um passo importante ao reconhecer e respeitar o modo de ser tradicional da mãe, pois aceita que a caminhada é feita por muitas formas de ser mulher. A memória retorna aos ancestrais míticos, a outras vivências do feminino, em outra lembrança de um passeio às pirâmides da Cidade do México. Deitada sobre as pedras, no alto do monumento, Lena se sente fertilizada pelo sol que é descrito como se a possuísse fisicamente, um verdadeiro ritual com a natureza primitiva, a Grande mãe. Fertilização, vida, re-ligação com os ancestrais, com a mãe, com a palavra, Lena outra vez mulher, memória e ação resgatadas.

A condição feminina permite a Amanda Puz recuperar sua força, reorganizar-se interna e externamente. Assim se refere a sua casa e às mulheres da família:

Encantava-me minha casa. A cidade das mulheres (La cité des femmes) era o nome que nos dava nosso amigo sacerdote. As mulheres éramos minha



mãe, minhas três filhas, minha neta Virginie, a gata Pata Branca (chamada assim porque era toda preta com uma pata branca), e eu. (PUZ, 2006, p.142)

Aos poucos, ela compreende seu pertencimento à França e seu distanciamento/pertencimento ao Chile. O importante é manifestar e sentir a continuidade, unir passado e futuro, com as filhas e as netas. As mulheres adquirem o poder sobre si mesmas, vencendo as dificuldades sempre que apareçam.

REFERÊNCIAS:

CRUZ, Denise Rollemberg. **Exílio: entre raízes e radares**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Tropical sol da liberdade**: a história dos anos de repressão e da juventude brasileira pós- 64 na visão de uma mulher. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

PUZ, Amanda. **Última vez que me exílio**: mis memórias. Santiago: Catalonia, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros de nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.